



TREINANDO PARA PASSAR: REPRESENTAÇÕES DE ÁRBITRAS DE FUTEBOL SOBRE O TESTE FÍSICO¹

Igor Chagas Monteiro²

Mariana Cristina Borges Novais³

Ludmila Mourão⁴

RESUMO

O objetivo desse estudo é analisar as representações de árbitras de futebol profissional sobre o teste físico da FIFA discutindo os tensionamentos de gênero. A pesquisa segue os princípios da história oral temática e utilizou a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. O tratamento dos dados seguiu a linha da análise de conteúdo. Os testes físicos representam uma das principais dificuldades na carreira das árbitras e o gênero é central neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: árbitra de futebol; futebol; gênero.

INTRODUÇÃO

A presença das mulheres no esporte contemporâneo em modalidades anteriormente interditas a elas é cada vez mais crescente. Sua participação no judô, MMA, futsal e futebol no Brasil tem ganhado espaço nas mais diferentes mídias. Passando das arquibancadas para os gramados, as mulheres vêm protagonizando histórias que precisam ser registradas e contadas. A presença dentro dos gramados que antes era na esfera de jogadora passa a acontecer na condição de treinadoras e árbitras de futebol. Sim! Árbitras de futebol! Essa importante função que no futebol moderno começou com os “homens de preto”, tem cada vez mais mulheres se destacando nas mais importantes competições do país e do mundo.

E quando se pensa em mulher e esporte, uma palavra sempre ganha destaque por parte da mídia e da sociedade: performance. Na arbitragem em futebol isso não é diferente. As árbitras têm que provar a todo momento sua capacidade física para apitar.

Nas décadas de 1980 e 1990 não havia exigência de teste físico para concluir um curso de arbitragem. Os cursos eram essencialmente teóricos, com estudo das regras, aspectos técnicos e disciplinares da arbitragem (DIAS, 2015). Os testes físicos eram exigidos apenas após o curso, durante a temporada às (aos) árbitras (os). Até o ano de 2001, o teste físico exigido pelas federações estaduais de Futebol

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para sua realização.

² Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), igao_fjvniteroi@hotmail.com

³ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), maribnovais@hotmail.com

⁴ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mouraoln@gmail.com

era o teste de Cooper⁵. No ano de 2001, a FIFA aumentou a dificuldade dos testes ao estabelecer uma nova sequência de provas anaeróbias, uma de velocidade e outra de resistência, trazendo agora índices para homens e para mulheres⁶.

Posteriormente, em janeiro de 2006, a FIFA estabeleceu, através da circular nº 1013, um novo modelo de testes físicos para árbitras (os), que entrou em vigor a partir de 2007: Passaram a ser realizadas duas provas físicas, separadas por sexo: a de velocidade: 6 tiros de 40m e a de resistência: 20 a 24 tiros de 150m. Intercalados com igual número de caminhadas de 50 m⁷.

Portanto, isso significa que as árbitras centrais e assistentes, para atuarem em competições masculinas, têm que atingir o índice masculino.

Em nosso estudo sobre trajetórias de árbitras no futebol profissional (2016), os discursos das árbitras sobre as mudanças da FIFA no teste físico foram marcantes e nos causou inquietação. O que nos motivou a elaborar esse trabalho sobre as representações de árbitras de futebol profissional sobre o teste físico da FIFA. O objetivo desse estudo é analisar as representações de árbitras de futebol profissional sobre o teste físico da FIFA, discutindo os tensionamentos de gênero presentes neste processo.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa segue os princípios da história oral temática (MEIHY, 1994). A história oral traz uma versão plausível, verossímil dos fatos; não busca uma verdade inequívoca, pois “as formas de narrar o como são múltiplas[...]” (PESAVENTO, 2003, p.51). Os estudos biográficos das experiências dos sujeitos e de suas interpretações do mundo em que vivem permitem o enriquecimento do conhecimento sobre as sociedades, um olhar mais apurado sobre os processos históricos e sociais nos quais esses indivíduos estão inseridos (BECKER, 1993).

Em nossa pesquisa de campo, elegemos a entrevista semiestruturada como técnica de pesquisa. Segundo Costa e Costa (2012), a entrevista semiestruturada é realizada a partir de um roteiro de perguntas abertas, em que ela pode também ser realizada pessoalmente, por telefone ou via internet (COSTA; COSTA, 2012). O roteiro de entrevista para este artigo versou sobre o teste físico na carreira das árbitras. O estudo respeitou os princípios éticos e foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob o parecer nº CAAE 43035515.5.0000.5147.

As dez participantes são cinco árbitras e cinco ex-árbitras de futebol com experiência em competições nacionais e internacionais e com experiência entre dez

5 Teste de corrida de 12 minutos elaborado pelo norte-americano Kenneth H. Cooper em 1968.

6 Prova I- Velocidade: Masculino AC- 40m/6,4 s/6 repetições/recuperação 1,5 s; Masculino AA- 40m/6,2 s/6 repetições/recuperação 1,5 s; Feminino AC- 40m/6,8 s/6 repetições/recuperação 1,5 s; Feminino AA- 40m/6,6 s/6 repetições/recuperação 1,5 s. Prova II- Resistência: Masculino AC- 150m/30 s/20-24 repetições/recuperação 40 s; Masculino AA- 150m/30 s/20-24 repetições/recuperação 45 s; Feminino AC- 150 m/35 s/ 20-24 repetições/ recuperação 45 s; Feminino AA- 150 m/35 s/ 20-24 repetições/ recuperação 50 s. (SANTOS, 2013, p. 4).

7 Na primeira prova os árbitros (as) devem correr em um tempo diferente por sexo e por função: (AC/AA) homens AC - 6.4s e AA - 6.2s / mulheres AC - 6.8s e AA 6.6s. Ambos descansam 90 segundos. Na segunda prova: Os Homens AC/AA - executa em 30s cada tiro, cuja recuperação é respectivamente 40s e 45s. Entre as Mulheres AC/AA o tempo é maior, 35s cuja recuperação é respectivamente 45s e 50s. (SANTOS; MESSER, 2016, p. 506).

e vinte e sete anos na arbitragem. Destas, seis (quatro ex-árbitras e duas árbitras) destacaram os testes físicos como uma das dificuldades enfrentadas na carreira. As participantes autorizaram a identificação de seus nomes no relatório da pesquisa e desta forma este artigo vai identificá-las pelo nome. O tratamento dos dados foi feito a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011). Essa técnica é conceituada como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (p. 48).

A REPRESENTAÇÃO DE ÁRBITRAS SOBRE O TESTE FÍSICO

Alguns dados das pesquisadoras Ineildes Santos e Suely Messeder (2016) trazem que, no ano de 2008, apenas uma mulher (uma assistente) foi aprovada no teste masculino, evidenciando assim, o alto número de reprovações quando as mulheres realizam testes masculinos.

Ana Paula Oliveira e Grazielle, relatam algumas de suas experiências com o teste físico da FIFA e seus desdobramentos e binarismos de gênero na arbitragem:

Parei de apitar por vários fatores, não é? Eu tive uma lesão na tíbia direita e esquerda, uma fratura por estresse e que infelizmente naquela ocasião eu tive que fazer um teste físico da FIFA, e não passei no teste. Acabei deixando o quadro internacional e acredito que isso foi um fator. Outro fator foi que eu tive que passar por um processo de recuperação, voltei a atuar no ano de 2008, cheguei a fazer os testes físicos para voltar a FIFA, mas infelizmente naquela ocasião eu não voltei (Ana Paula, 36 anos).

O que observamos também é que a maioria das mulheres opta por ser assistente devido ao alto número de reprovações nos testes para árbitra central. Um fator que aumenta a dificuldade em treinar para os testes é a necessidade das mulheres se dedicarem a outras profissões (CHABATURA, 2013).

Renata, aponta outros fatores que influenciam e dificultam as atuações das árbitras:

Você tem que abdicar de muitas coisas, você não é um profissional, se você não faz jogo você não ganha. Se você se lesiona você fica sem jogo, se você não passa em um teste físico, ou reprova em uma prova teórica você fica sem jogo (Renata Ruel, 36 anos).

As oportunidades para elas ascenderem na carreira, vem da escalação em partidas de futebol masculino, e para isso precisam atingir o índice masculino nos testes. Conforme relata Tatiane, isso é conquistado com muita dificuldade:

Então eu tive que passar por esse processo da parte física, que foi um pouquinho doloroso no começo, não vou mentir que não é mais, porque ainda é, principalmente quando a gente tem que fazer o teste físico masculino, a exigência é bem maior, então é esse processo sempre de lidar com a parte física, que você nunca pode relaxar. Não existe isso “ah, eu fiz o teste e pronto, estou aprovada” não, é contínuo esse treinamento (Tatiane Sacilotti, 29 anos).

Outro aspecto que se destaca nesta situação é que nem sempre ser aprovada no teste físico é o suficiente para apitar, conforme aponta Cássia:

Em 1998 eu fiz o teste físico para CBF. Eu fiz para ser árbitra central. Só que apesar de ser árbitra central na CBF, a federação sempre me escalava como assistente (Cássia Dias, 47 anos).

Conforme podemos observar as oportunidades no campo da arbitragem são desiguais, porque vemos de modo muito direto estratégias e determinações que instituem lugares diferenciados para os gêneros. Esse processo é chamado por Foucault de biopoder, que significa o poder de controlar as populações (FOUCAULT, 2007). Ficaria instituído para a mulher a posição de árbitra assistente e para o homem a de árbitro central, já que mesmo quando as árbitras centrais são aprovadas no teste físico não são escaladas e/ou são escaladas como assistentes. O discurso das comissões de arbitragem veicula e produz poder e o silêncio das árbitras dá guarida ao poder (Louro, 1997, p.43), uma vez que as árbitras se expressam pouco publicamente com receio de retaliações dos dirigentes

Podemos observar que os testes físicos embora exijam das mulheres e homens alta performance, ele tem como referência de desempenho a biologia e neste aspecto os índices do homem. As diferenças entre os gêneros explicaram e justificaram as mais variadas distinções entre homens e mulheres (LOURO, 1997). E as diferenças corporais continuam justificando as desigualdades.

O fato que devemos considerar é que o índice exigido para apitar partidas masculinas se configura numa barreira de gênero para a chegada das mulheres na arbitragem. Nos testes é possível ver a questão de um binarismo rígido (LOURO, 1997, p.64). Uma questão que ajuda a sustentar essa afirmação é que mesmo quando as mulheres são aprovadas no teste, não são escaladas como árbitras centrais em partidas masculinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os testes físicos são representados pelas árbitras como uma das principais dificuldades em suas carreiras. Há um questionamento de outros fatores técnico-disciplinares não serem considerados nas avaliações e escalas. O processo de treinamento para atingir os índices é algo difícil e doloroso.

TRAINING TO BE APPROVED: REPRESENTATION OF FEMALE REFEREES ABOUT THE PHYSICAL TEST

ABSTRACT: This study aims to analyze the representations of soccer referees about the FIFA physical test, discussing the gender issues. The research follows the theory of the thematic oral history and used the semistructured interview as an instrument of data collection. The treatment of the data followed the content analysis technique. The physical tests represent one of the main difficulties in the career of the referees and the gender is central in this process.

KEYWORDS: female soccer referee; soccer; gender.

ENTRENANDO PARA SER APROBADA: REPRESENTACIÓN DE ÁRBITRAS DE FÚTBOL ACERCA DE LA PRUEBA FÍSICA

RESUMEN: El objetivo de este estudio es analizar las representaciones de las árbitras de fútbol en la prueba de aptitud de la FIFA de discutir las tensiones de género. La investigación sigue los principios

de la historia oral y se utiliza la entrevista semiestructurada como instrumento de recolección de datos. La análisis de los datos siguió la línea del análisis de contenido. Las pruebas físicas son una de las principales dificultades en la carrera de los árbitros y de género es central en este proceso.
PALABRAS CLAVES: árbitra de fútbol; fútbol; género.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- CHABATURA, G. Teste físico ainda é barreira para as mulheres assumirem a arbitragem. *Tribuna da Bahia*, 16 out. 2013.
- COSTA, M. A. F.; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DIAS, C.A. Entrevista de Cássia Alves Dias para a pesquisa “Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional. Produção: Igor Chagas Monteiro, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015. 50 min., som.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MEIHY, J.C.S.B. Definindo história oral e memória. **Cadernos CERU**, São Paulo, v.5, n.2, p.52-60, 1994.
- PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SANTOS, I. C. Escanteio: mulheres que trocam o rosa cultural pelo preto da tradição no campo da arbitragem em futebol. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2013, Salvador, Bahia. **Anais do Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, Salvador, Bahia: Universidade do Estado da Bahia, 2013, p.1-15.
- SANTOS, I. C.; MESSEDER, S. A. A diferença do desempenho físico e esportivo entre homens e mulheres: um estudo sobre a inserção das mulheres no mundo da arbitragem do futebol brasileiro. In: SEFFNER, F.; CAETANO, M (Org.). **Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual**. Campina Grande: Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2016. p. 501-515.